Ives Gandra da Silva Martins

UM QUADRO DESALENTADOR

(Jornal do Brasil – 09/09/2006)

O processo eleitoral avança com indiscutível aquecimento dos debates e inequívoco desventramento do que aconteceu nos últimos tempos, em nível de maculação permanente do princípio da moralidade, que, na lei suprema, é o mais relevante princípio a ser seguido pelos agentes públicos dos três Poderes.

Percebeu a nação que este último quadriênio revelou um país falho no campo da ética, débil em termos de crescimento e pobre em nível de realizações.

O candidato mais forte da oposição –ainda fraco, perante o candidato à reeleição- pretendeu mostrar-se não como um acusador, nos moldes do Ministério Público, mas como um bom e pacífico administrador, tendo, os que idealizaram sua campanha, amargado resultados pífios nas pesquisas, e obrigando-o a mudar o tom, mostrando-se mais duro e mais contundente em relação ao líder dessas mesmas pesquisas. Talvez a alteração de rumo tenha ocorrido tarde demais.

O presidente, candidato à reeleição, pretende blindar-se das acusações de falhas éticas dizendo que o que ocorreu, em seu governo, é próprio da realidade nacional, ou seja, sem pôr a mão -segundo artistas que o apóiam- no produto da atividade intestinal do ser humano, não é possível fazer política. Nega, todavia, participação direta em qualquer dos melancólicos episódios de que seu governo foi protagonista.

Os maiores trunfos de sua gestão são adaptações de programas do Governo Fernando Henrique, como o alargamento do bolsa-família, criado no governo anterior, ou a manutenção da mesma política econômica –não obstante a alteração do quadro internacional, que indicava a necessidade de ajustes para aproveitamento da boa fase- exagerando, todavia, em alguns aspectos, que terminaram por prejudicar o desenvolvimento brasileiro, ou seja, os tributos e o empreguismo oficial.

Por esta razão, o país encontra-se na pior posição entre os 25 países emergentes mais importantes, apesar de ter um PIB semelhante ao da Rússia. Foi ultrapassado, todavia, por China, Índia e México.

Com excesso de tributos, juros elevados e máquina administrativa esclerosada e inchada, só poderia o governo amargar um baixo crescimento e alto desemprego, com queda em investimentos e desestímulo à produção. Mas o presidente, é, todavia, o candidato mais carismático, o que justifica sua liderança nas pesquisas.

A candidata Heloisa Helena ostenta a honestidade como seu grande trunfo contra o governo, de cujo partido saiu desiludida com a baixa moral de seus integrantes. Mas, infelizmente, suas teses, em matéria de economia, desenvolvimento, e percepção da realidade mundial, ressuscitam debates do século XIX. É corajosa e, na questão do aborto e utilização de células embrionárias manifestou-se, decididamente, contra por respeito ao direito à vida.

Cristovam Buarque, apesar de sua cultura e de sua obsessão pela educação, não tem empolgado. São, todavia, consistentes suas idéias. Eymael, bom especialista em direito tributário, não é conhecido pelos eleitores e os demais são ainda mais desconhecidos.

Neste quadro, que se afigura desalentador, o eleitor acompanha o raquítico debate, dando a impressão de que a ética política não é o aspecto mais relevante para o exercício do poder.

Desta forma, caminhamos, a passos largos, para a reedição da mediocridade econômica, da insegurança jurídica e da confusão entre patrimônio público e privado nos próximos 4 anos, todos os envolvidos nos escândalos do mensalão e Caixa 2, agentes públicos e privados, ostentando sua impunidade, muitos deles pleiteando a reeleição, sem ser incomodados pela eficiente Receita Federal e pela bem aparelhada Polícia Federal.

Enquanto isso, o país continua perdendo posições, no ranking mundial da globalização, por falta de estadistas.